



## **SÍNTESE DE NOTÍCIAS Nº 0137/2025**

**EMBAIXADA DA REPÚBLICA DE ANGOLA NO REINO DA ARÁBIA SAUDITA  
RIADE, 24/05/2025**

**O Rei Salman ordena a hospedagem de 1.300 peregrinos de 100 nações para o Hajj este ano**



**Um plano de implementação abrangente foi preparado, abrangendo programas religiosos, culturais e educacionais.**

O Rei Salman emitiu uma directriz real para hospedar 1.300 peregrinos masculinos e femininos de 100 países para realizar o Hajj este ano sob o Programa de Convidados do Guardião das Duas Mesquitas Sagradas para o Hajj, Umrah e Visitação. O programa é supervisionado pelo Ministério de Assuntos Islâmicos, Dawah e Orientação. O ministro saudita dos Assuntos Islâmicos, Dawah e Orientação, Abdullatif Al-Asheikh, que é supervisor geral do programa, expressou sua gratidão ao Rei Salman e ao Príncipe herdeiro Mohammed bin Salman e elogiou a directriz como um testemunho da dedicação da liderança em servir às causas da nação islâmica e uma reafirmação da posição do Reino no mundo islâmico. Al-Asheikh disse que, seguindo a directriz real, o ministério mobilizou todos os seus recursos e capacidades para oferecer serviços da mais alta qualidade aos hóspedes. Um plano de implementação abrangente foi

preparado, abrangendo programas religiosos, culturais e educacionais. Isso inclui visitas organizadas aos principais marcos islâmicos e históricos em Meca e Medina, bem como reuniões com estudiosos e imãs proeminentes das Duas Mesquitas Sagradas, todas com o objectivo de enriquecer a experiência espiritual e intelectual dos peregrinos.

Al-Alsheikh disse que o Programa de Convidados do Guardião das Duas Mesquitas Sagradas para o Hajj, Umrah e Visitação foi projectado para fortalecer os laços com líderes religiosos, académicos e intelectuais em todo o mundo islâmico, ao mesmo tempo em que promove o intercâmbio cultural e a defesa. Desde a sua criação em 1996, o programa já recebeu cerca de 65.000 peregrinos de 140 países. O ministério forneceu a esses convidados uma série de serviços logísticos, religiosos, de saúde e culturais, desde sua nomeação até o retorno aos seus países de origem após a conclusão dos rituais do Hajj.

Al-Alsheikh disse que esta iniciativa de hospedagem mostrou o compromisso do Reino em servir o Islão e os muçulmanos. O programa se alinha com a visão do Reino de aprofundar seus laços com as nações islâmicas e aumentar sua presença positiva no cenário global, contribuindo para a realização dos objectivos islâmicos e humanitários da Visão Saudita 2030. **Fonte-Arab News.**

## Comitê Ministerial Árabe-Islâmico mantém conversações sobre Gaza com ministro das Relações Exteriores da França



**Membros seniores do Comitê Ministerial Árabe-Islâmico se reuniram ontem com o ministro das Relações Exteriores da França, Jean-Noel Barrot, em Paris, para discutir a crise em curso na Faixa de Gaza e os esforços para promover a paz na região.**

Membros seniores do Comitê Ministerial Árabe-Islâmico conversaram ontem com o ministro das Relações Exteriores da França, Jean-Noel Barrot, em Paris, sobre a crise em curso na Faixa de Gaza e os esforços para promover a paz na região. A delegação que visitou o Ministério das Relações Exteriores da França foi liderada pelo ministro das Relações Exteriores saudita, Príncipe Faisal bin

Farhan, e incluiu seus homólogos jordanianos e egípcios Ayman Safadi e Badr Abdelatty.

Suas discussões com Barrot se concentraram em esforços internacionais coordenados para acabar com a guerra em Gaza, garantir a entrega ininterrupta de ajuda humanitária e interromper as violações em andamento pelas forças de ocupação israelenses contra o povo palestino e os territórios ocupados, violações que foram descritas como contravenções do direito internacional e das normas humanitárias.

Eles também falaram sobre maneiras pelas quais a acção diplomática conjunta pode ser intensificada para promover uma paz justa e duradoura, com ênfase na implementação de uma solução de dois Estados de acordo com as resoluções internacionais.

Outros tópicos incluíram os preparativos para uma conferência internacional de alto nível sobre a solução de dois Estados, que está programada para ocorrer na sede da ONU em Nova York em junho e será presidida conjuntamente pelo Reino da Arábia Saudita e pela França. **Fonte-Reuters.**

**Reconhecer o Estado palestino é uma "necessidade estratégica", diz Reino da Arábia Saudita à ONU**



Reconhecer o Estado da Palestina é uma "necessidade estratégica" que marcaria o início da paz no Médio Oriente, disse ontem o Reino da Arábia Saudita em uma reunião da ONU. Os comentários foram feitos enquanto o Reino e a França se preparam para co-presidir uma conferência global no próximo mês, destinada a acelerar a implementação de uma solução de dois Estados para acabar com décadas de conflito entre Israel e palestinos.

O esforço ganhou mais apoio nesta semana, quando o número devastador de Israel retomou o ataque a Gaza provocou raiva internacional. Falando em uma



reunião da Assembleia Geral da ONU em preparação para a conferência, o co-presidente Manal Radwan, conselheira do Ministério das Relações Exteriores do Reino da Arábia Saudita, disse que uma solução justa para a questão palestina não era apenas um imperativo moral e legal, mas "a pedra angular de uma nova ordem regional baseada no reconhecimento mútuo e na coexistência".

"A paz regional começa com o reconhecimento do Estado da Palestina, não como um gesto simbólico, mas como uma necessidade estratégica", disse ela.

"É a única maneira de eliminar o espaço explorado por actores não estatais e substituir o desespero por um horizonte político, fundamentado em direitos e soberania, garantindo segurança e dignidade para todos." A conferência de alto nível está programada para começar em 17 de junho na sede da ONU em Nova York e visa adoptar urgentemente medidas concretas para a implementação da solução de dois Estados.

O ministro das Relações Exteriores da França, Jean-Noel Barrot, disse nesta semana que a conferência tinha como objectivo reunir o mundo para reconhecer um Estado palestino. A Palestina é oficialmente reconhecida por 147 dos 193 Estados-membros da ONU e tem status de observador na ONU, mas não é membro pleno. Mais de 53.000 palestinos foram mortos desde que Israel desencadeou sua operação militar em Gaza após o ataque liderado pelo Hamas em outubro de 2023 que matou 1.200 pessoas. À medida que o número de mortos e o sofrimento em Gaza aumentaram, mais nações passaram a reconhecer a Palestina, incluindo Irlanda, Noruega e Espanha no ano passado.

O presidente Emmanuel Macron disse que a França provavelmente reconheceria a Palestina na conferência de junho e o Reino Unido está em discussões sobre um passo semelhante. Esta semana, França, Grã-Bretanha e Canadá pediram a Israel que interrompa sua ofensiva militar em Gaza e remova suas restrições à ajuda humanitária. Israel lançou recentemente uma operação ampliada em Gaza, com o objectivo de assumir o controle total do território e cortar toda a ajuda por vários meses.

Radwan disse que a reunião sobre o futuro da Palestina ocorreu em um momento de "urgência histórica", com Gaza "suportando sofrimento inimaginável" e civis continuando a pagar o preço de uma guerra "que deve terminar imediatamente". "O desespero se aprofunda a cada dia e, no entanto, é precisamente por isso que devemos falar não apenas em acabar com a guerra, mas em acabar com um conflito que já dura quase oito décadas", disse ela.

Ela disse que o Reino da Arábia Saudita estava honrado em estar ao lado de outras nações comprometidas com o esforço diplomático para trazer "mudanças reais,

irreversíveis e transformadoras, para garantir, de uma vez por todas, a solução pacífica da questão da Palestina".

"A única maneira de evitar a recorrência da violência, do terrorismo e das atrocidades é implementar a solução de dois Estados, inclusive por meio do apoio de uma estrutura multilateral robusta", acrescentou.

A conselheira presidencial francesa para o Médio Oriente e Norte de África, Anne-Claire Legendre, disse que uma solução política para o conflito é uma questão de urgência. "A conferência de junho deve ser um marco transformador para a implementação efectiva da solução de dois Estados", disse ela. "Devemos passar do fim da guerra em Gaza para o fim do conflito. Diante dos factos no terreno, as perspectivas de um Estado palestino devem ser mantidas." **Fonte-Reuters.**

## Ministro saudita dos municípios e habitação conclui visita oficial ao Kuwait



**Várias directrizes técnicas foram adoptadas.**

O ministro saudita de Municípios e Habitação, Majid bin Abdullah Al-Hogail, concluiu sua visita oficial ao Kuwait, durante a qual chefiou a delegação do Reino na 23ª reunião dos ministros da habitação do Conselho de Cooperação do Golfo, que contou com a participação dos ministros relevantes dos estados membros e contou com a presença do secretário-geral do GCC.

Várias directrizes técnicas foram adoptadas na reunião, principalmente o Guia de Engenharia de Valor para Projectos Habitacionais do GCC, que foi preparado por Riade como um passo para aumentar a eficiência dos gastos e, ao mesmo tempo, melhorar a qualidade dos resultados nos esquemas habitacionais do Golfo. **Fonte-Arab News.**

## União Africana pede cessar-fogo permanente na Líbia após confrontos



**Manifestantes se reúnem para um protesto, convocando o Governo de Unidade Nacional.**

A União Africana pediu hoje um cessar-fogo permanente na Líbia, após confrontos mortais na capital no início deste mês e manifestações exigindo a renúncia do primeiro-ministro.

Os últimos combates no país do norte da África devastado pelo conflito colocaram um grupo armado alinhado com o governo baseado em Trípoli contra facções que ele tentou desmantelar, resultando em pelo menos oito mortos, de acordo com as Nações Unidas. Apesar da falta de um cessar-fogo formal, os confrontos terminaram na semana passada, com o Ministério da Defesa da Líbia dizendo nesta semana que os esforços para uma trégua estavam "em andamento".

Hoje, o Conselho de Paz e Segurança da União Africana condenou a recente violência, pedindo um "cessar-fogo incondicional e permanente". Em uma declaração sobre X, o conselho pediu "reconciliação inclusiva liderada pela Líbia", acrescentando que "não apela para nenhuma interferência externa". A Líbia está dividida entre o governo reconhecido pela ONU em Trípoli, liderado pelo primeiro-ministro Abdulhamid Dbeibah, e uma administração rival no leste. O país permaneceu profundamente dividido desde a revolta de 2011 apoiada pela Otan que derrubou e matou o líder de longa data Muammar Gaddafi. Os confrontos foram desencadeados pela morte de um líder de facção armada por um grupo alinhado com o governo de Dbeibah - a Brigada 444, que mais tarde lutou contra um terceiro grupo, a força Radaa que controla partes do leste de Trípoli e o aeroporto da cidade. Isso ocorreu depois que Dbeibah anunciou uma série de ordens executivas buscando desmantelar Radaa e dissolver outros grupos armados baseados em Trípoli, mas excluindo a Brigada 444. **Fonte-Reuters.**

## Partido Trabalhista do Reino Unido sob pressão para reconhecer a Palestina



Uma pessoa senta-se com uma placa de mala com os dizeres "Palestina: Estamos voltando para casa" enquanto participa na marcha pró-palestina pelo centro de Londres em 17 de maio de 2025.

O governo do Reino Unido está sob pressão de figuras importantes do Partido Trabalhista para reconhecer o Estado palestino. Antes de uma conferência da ONU sobre uma solução de dois Estados em Nova York no próximo mês, o colega trabalhista e sobrevivente do Holocausto, Lord Dubs, disse que tal medida fortaleceria a mão dos palestinos em futuras negociações de paz com Israel e lhes daria "respeito próprio". Ele disse ao The Guardian: "Mesmo que não leve a nada imediatamente, ainda daria aos palestinos uma posição melhor".

Lord Hain, ex-ministro do governo, disse que "atrasar o reconhecimento até que as negociações sejam concluídas simplesmente permite que a ocupação ilegal de Israel se torne permanente", e o reconhecimento deve ser "um catalisador, não uma consequência" das negociações de paz.

A conferência da ONU pode ver o Reino Unido e a França reconhecerem formalmente um Estado palestino. O Reino da Arábia Saudita, que está co-presidindo a conferência com a França, pediu aos países que vejam o Estado palestino como "uma pré-condição para a paz, e não seu produto". A França e o Reino da Arábia Saudita dizem que o objectivo da conferência não é "'reviver' ou 'relançar' outro processo interminável, mas implementar, de uma vez por todas, a solução de dois Estados". Eles pediram aos participantes "que destacassem as acções que estão dispostos a empreender, individual ou colectivamente, no cumprimento de suas obrigações e em apoio ao consenso internacional sobre a solução pacífica da questão da Palestina e a solução de dois Estados". O presidente francês, Emmanuel Macron, já havia sugerido que seu governo se juntaria aos 147 estados que já reconhecem a Palestina.



O secretário de Relações Exteriores do Reino Unido, David Lammy, disse ao Parlamento que as discussões estão em andamento com os colegas franceses sobre o reconhecimento, mas que a Grã-Bretanha está buscando mais do que apenas um gesto simbólico na conferência. No início de maio, 69 políticos trabalhistas - incluindo vários ministros do governo - assinaram uma carta redigida pelos Amigos Trabalhistas da Palestina e do Médio Oriente pedindo ao primeiro-ministro Keir Starmer que reconhecesse a Palestina, no que eles chamaram de "janela única de oportunidade". O parlamentar trabalhista Alex Ballinger, membro do Comitê Selecto de Relações Exteriores, disse: "Não podemos mais falar em banalidades sobre dois Estados enquanto bloqueamos as próprias etapas que poderiam ajudar a tornar um deles real".

Afzal Khan, ex-ministro-sombra do Partido Trabalhista, disse: "O reconhecimento agora seria um primeiro passo positivo para garantir uma solução pacífica de dois Estados, acabar com as expansões e bloqueios ilegais de assentamentos e desbloquear os caminhos diplomáticos e humanitários para uma justiça duradoura". **Fonte-Reuters.**

## Governo Trump dá primeiros passos para aliviar sanções contra a Síria



**Pessoas esperam no banco central em Damasco em 21 de maio2025 e outras passam por um outdoor exibindo retratos do Príncipe herdeiro saudita Mohammed bin Salman e do Presidente dos EUA, Donald Trump, com um slogan agradecendo à Arábia Saudita e aos Estados Unidos, em Damasco.**

O governo Trump concedeu ontem à Síria amplas isenções nas sanções, em um grande primeiro passo para cumprir a promessa do presidente de suspender meio século de penalidades em um país devastado pela guerra civil. As medidas dos departamentos de Estado e do Tesouro suspenderam por seis meses um duro conjunto de sanções impostas pelo Congresso em 2019 e expandiram as regras dos EUA sobre o que as empresas estrangeiras podem fazer na Síria, agora



lideradas por Ahmad Al-Sharaa, um ex-comandante de milícia que ajudou a tirar o líder de longa data Bashar Assad do poder no final do ano passado.

Segue-se o anúncio do presidente Donald Trump na semana passada de que os EUA reverteriam pesadas penalidades financeiras contra os ex-governantes autocráticos da Síria - em uma tentativa de dar ao novo governo interino uma chance melhor de sobrevivência após a guerra de 13 anos.

As sanções do Congresso, conhecidas como Lei de Protecção Civil da Síria César, visavam isolar a família Assad da Síria, expulsando efectivamente aqueles que faziam negócios com eles do sistema financeiro global. "Essas isenções facilitarão o fornecimento de electricidade, energia, água e saneamento e permitirão uma resposta humanitária mais eficaz em toda a Síria", disse o secretário de Estado, Marco Rubio, em um comunicado. "O presidente deixou clara sua expectativa de que o alívio seja seguido por uma acção imediata do governo sírio em importantes prioridades políticas." Os sírios e seus apoiadores comemoraram o alívio das sanções, mas dizem que precisam que elas sejam suspensas permanentemente para garantir as dezenas de bilhões de dólares em investimentos e negócios necessários para a reconstrução após uma guerra que fragmentou o país, deslocou ou matou milhões de pessoas e deixou milhares de combatentes estrangeiros no país.

O governo Trump disse ontem que os anúncios eram "apenas uma parte de um esforço mais amplo do governo dos EUA para remover toda a arquitectura das sanções". Eles foram impostos aos ex-governantes da Síria ao longo das décadas por causa de seu apoio a milícias apoiadas pelo Irão, um programa de armas químicas e abusos de civis. **Fonte-Reuters.**

## Netanyahu acusa França, Grã-Bretanha e Canadá de 'encorajar' o Hamas



Netanyahu acusou furiosamente a França, o Canadá e o Reino Unido de "estarem do lado torcido da história".

O primeiro-ministro israelense, Benjamin Netanyahu, acusou os líderes da França, Grã-Bretanha e Canadá de quererem ajudar o grupo militante palestino

Hamas depois que eles ameaçaram tomar "ações concretas" se Israel não parasse sua última ofensiva em Gaza. As críticas, ecoando comentários semelhantes do ministro das Relações Exteriores, Gideon Saar, na passada quinta-feira, foram parte de uma reacção do governo israelense contra a pressão internacional cada vez mais pesada sobre a guerra em Gaza.

"Você está do lado errado da humanidade e do lado errado da história", disse Netanyahu. O líder israelense, que enfrenta um mandado de prisão do Tribunal Penal Internacional por supostos crimes de guerra em Gaza, critica regularmente os países europeus, bem como instituições globais, das Nações Unidas ao Tribunal Internacional de Justiça, sobre o que ele diz ser seu preconceito contra Israel. Mas à medida que o fluxo de imagens de destruição e fome em Gaza continua, alimentando protestos em países ao redor do mundo, Israel tem lutado para mudar a opinião internacional, que tem se voltado cada vez mais contra ele.

"É difícil convencer pelo menos algumas pessoas, definitivamente na extrema esquerda nos EUA e em alguns países da Europa, de que o que Israel está fazendo é uma guerra de defesa", disse o ex-diplomata israelense Yaki Dayan. "Mas é assim que é percebido em Israel e preencher essa lacuna às vezes é uma missão impossível", disse ele. As autoridades israelenses estão particularmente preocupadas com os crescentes apelos para que outros países da Europa sigam o exemplo da Espanha e da Irlanda no reconhecimento de um Estado palestino como parte de uma solução de dois Estados para resolver décadas de conflito na região.

Netanyahu argumenta que um Estado palestino ameaçaria Israel e ele enquadrou o assassinato de dois funcionários da embaixada israelense em Washington na passada terça-feira por um homem que supostamente gritou "Palestina Livre" como um exemplo claro dessa ameaça.

Ele disse que "exatamente o mesmo canto" foi ouvido durante o ataque a Israel pelo Hamas em 7 de outubro de 2023. "Eles não querem um Estado palestino. Eles querem destruir o Estado judeu", disse ele em um comunicado na plataforma de mídia social X.

"Eu nunca consegui entender como essa verdade simples escapa dos líderes da França, Grã-Bretanha, Canadá e outros", disse ele, acrescentando que qualquer movimento dos países ocidentais para reconhecer um Estado palestino "recompensaria esses assassinos com o prêmio final". Em vez de promover a paz, os três líderes estavam "encorajando o Hamas a continuar lutando para sempre", disse ele. O líder israelense, cujo governo depende do apoio da extrema-direita, disse que o Hamas, que emitiu um comunicado saudando a medida, agradeceu ao presidente francês, Emmanuel Macron, ao primeiro-ministro britânico, Keir

Starmer, e ao canadense, Mark Carney, pelo que ele disse ser sua demanda por um fim imediato da guerra. **Fonte-Reuters.**

## Israel, é hora de viver em paz no mundo árabe



HASSAN BIN YOUSSEF YASSIN  
23 de maio de 2025



**Palestinos lutam para receber comida em uma cozinha comunitária.**

Michael Young, um analista com profundo conhecimento do Médio Oriente, resumiu na passada quarta-feira a situação actual em Gaza para o Carnegie Endowment for International Peace. Ele escreveu: "Nos últimos 19 meses, um dos exércitos mais poderosos do mundo tem lançado as munições mais pesadas disponíveis em áreas povoadas principalmente por civis destituídos e sem-tecto, a maioria mulheres e crianças ... Israel destruiu a maioria das escolas, universidades e hospitais em Gaza, e todas as instituições necessárias para salvaguardar o tecido social do território".

A reação desproporcional e desumana de Israel aos ataques igualmente atrozes e inaceitáveis do Hamas em 7 de outubro de 2023 ficou clara desde o início. Mas só agora algumas das democracias liberais do mundo estão começando a reagir e finalmente reagir às acções de Israel.

Em contraste, a consciência do mundo não exigia mais convencimento sobre o que os actos de Israel constituíam desde o início. O dano à reputação de Israel em todo o mundo será duradouro e, infelizmente, só tornará a vida de israelenses e



judeus mais tensa e difícil. No mundo árabe, vivemos em desespero nos últimos 19 meses, incapazes, apesar de nossos melhores esforços e sem a ajuda do Ocidente, de fazer com que Israel perceba não apenas a desumanidade de suas acções, mas também o dano duradouro que vem causando ao seu próprio futuro.

Os europeus finalmente reagiram, anunciando na passada terça-feira que a Comissão Europeia revisaria o Acordo de Associação UE-Israel que rege as relações políticas e económicas entre os dois lados. O artigo 2.º desse acordo especifica que pode ser suspenso em caso de violações graves dos direitos humanos. Na passada segunda-feira, França, Canadá e Reino Unido também emitiram uma declaração conjunta ameaçando "sanções direccionadas" e "acções concretas" caso Israel prossiga com sua ofensiva em Gaza, continue a bloquear a ajuda e expandir seus assentamentos. Os britânicos chamaram a situação de "monstruosa", a escalada da violência de Israel em Gaza de "moralmente injustificável" e sua retenção de ajuda humanitária de "cruel e indefensável".

Enquanto isso, nos EUA, o activismo estudantil em apoio ao povo palestino continua e mais estudantes foram injustificadamente expulsos ou tiveram seus diplomas retidos como resultado. Uma estudante da Universidade George Washington foi barrada no fim de semana passado após seu discurso em uma cerimônia de formatura, enquanto um diploma foi negado a um estudante da Universidade de Nova York pelo mesmo motivo. Na Universidade de Columbia, os alunos protestaram durante uma cerimônia de formatura e queimaram seus diplomas do lado de fora. Essa reviravolta é deplorável, em grande parte porque uma discussão sensata e aberta sobre o que está acontecendo no Médio Oriente foi essencialmente proibida nos EUA.

Como companheiros semitas, nós, árabes, nos opomos ao antissemitismo onde ou quando ele mostrar sua cara feia. Moisés também é um de nossos profetas, acreditamos no mesmo Deus e nos mesmos valores de compaixão e dignidade. Mas no mundo actual de abertura e comunicação directa, somos todos simplesmente humanos compartilhando a mesma humanidade, compaixão e respeito uns pelos outros.

Como árabe, quero estender minha mão a todos os judeus do mundo, aos meus semelhantes com quem compartilho uma tradição milenar e uma fé relacionada. Nosso desejo de coexistência deve ser uma luta permanente dentro e fora. Não podemos nos dar ao luxo de viver no passado, de guardar rancores antigos que continuarão a envenenar por toda a nossa vida. O povo judeu sofreu tremendamente ao longo dos séculos e o Médio Oriente também sofreu muito com as consequências das decisões europeias.

Gostaria de evocar aqui as relações de respeito mútuo de longa data entre árabes e judeus no Médio Oriente, que existiram durante séculos antes do

estabelecimento do Estado de Israel. Não apenas em Al-Andalus e na figura compartilhada de Maimônides, durante séculos judeus e árabes viveram lado a lado em respeito no Médio Oriente. Essa diversidade foi particularmente forte no Iraque e no Egito, mas também no Iêmen e em Marrocos, onde os judeus serviram como ministros importantes, empresários respeitados e até mesmo como cantores adulados

Muitos esquecem que, no século 21, uma mulher judia, Houda Ezra Ebrahim Nonoo, serviu como embaixadora do Bahrein nos EUA. Infelizmente, o número de judeus que vivem em países muçulmanos diminuiu desde o estabelecimento do Estado de Israel de 1 milhão para 30.000, e mais de um terço saiu nos três anos após 1948. Muitos judeus egípcios deixaram o país após a Crise de Suez de 1956 e muitos judeus libaneses deixaram o país após as guerras de 1967 e 1973.

Gostaria hoje de honrar e restabelecer os laços profundos que existiam entre judeus e árabes que viviam como vizinhos. Acredito que todos nós só queremos viver em paz juntos, ver nossos filhos crescerem em uma região de promessa e respeito mútuo. O que precisamos é de uma bomba atômica de paz, carregada com o poder de fogo do amor, para deixar tudo isso para trás e simplesmente viver juntos em paz.

À medida que a consciência do mundo foi despertada, é do interesse de Israel consertar as cercas e parar a loucura que só pode ameaçar seu próprio futuro. O povo israelense, tenho certeza, está pronto para adotar o poder do amor e da decência em vez de atizar o fogo do ódio que corre o risco de se transformar em um vulcão. Como árabe que se preocupa profundamente com a coexistência pacífica, convido todos nós a cultivar a árvore da vida junto com a água do amor, garantindo que seus frutos sejam compartilhados por todos.

**Hassan bin Youssef Yassin**, trabalhou em estreita colaboração com os ministros dos petróleo Abdullah Tariki e Ahmed Zaki Yamani de 1959 a 1967. Chefiou o Escritório de Informação do Reino da Arábia Saudita em Washington de 1972 a 1981 e foi observador da Liga Árabe na ONU de 1981 a 1983.

**Isenção de responsabilidade:** A opinião expressa pelo escritor nesta sessão é própria e não reflecte necessariamente o ponto de vista do **Arab News**.